

Políticas espirituais e agência: aproximações entre pombagiras e prostitutas

(Spiritual politics and agency: approximations between pombagiras and prostitutes)

(Políticas espirituales y agencia: aproximaciones entre pombagiras y prostitutas)

Adriely Clarindo Cattani¹
Alexsandro Rodrigues²
Rafaela Werneck Arenari³

RESUMO: A partir de uma etnografia realizada ao longo de quatro anos, analisamos como políticas espirituais contornam e modificam relações de poder em diferentes zonas de prostituição. Por meio de observações sobre a evocação e incorporação de pombagiras — entidades espirituais das religiões afro-brasileiras, representadas como figuras femininas — por prostitutas, mostramos como trabalhadoras sexuais acionam essas entidades para realizar desejos, buscar proteção e obter ganhos financeiros no trabalho. Em diálogo com estudos socioantropológicos sobre pombagiras e prostitutas, expomos como a vinculação socio-histórica entre ambas se relaciona a atributos de feminilidade compartilhados, complexificando as noções de agência.

PALAVRAS-CHAVE: agência; espiritualidade; prostituição; feminilidade.

Abstract: Based on a four-year ethnography, we analyze how spiritual politics circumvent and modify power relations in different prostitution zones. Through observations of the evocation and incorporation of pombagiras — spiritual entities of Afro-Brazilian religions, represented as female figures — by prostitutes, we show how sex workers activate these entities to fulfill desires, seek protection, and obtain financial gains at work. In dialogue with socio-anthropological studies on pombagiras and prostitutes, we examine how the socio-historical link between them relates to shared attributes of femininity, complicating notions of agency.

Keywords: agency; spirituality; prostitution; gender.

Resumen: A partir de una etnografía realizada a lo largo de cuatro años, analizamos cómo las políticas espirituales sortean y modifican relaciones de poder en diferentes zonas de prostitución. Mediante observaciones sobre la evocación e incorporación de pombagiras — entidades espirituales de las religiones afrobrasileñas, representadas como figuras femeninas — por prostitutas, mostramos cómo trabajadoras sexuales accionan estas entidades para realizar deseos, buscar protección y obtener ganancias económicas en el trabajo. En diálogo con estudios socioantropológicos sobre pombagiras y prostitutas, exponemos cómo la vinculación sociohistórica entre ambas se relaciona con atributos de feminidad compartidos, complejizando las nociones de agencia.

Palabras clave: agencia; espiritualidade; prostitución; género.

1 Psicóloga, mestre em Psicologia Institucional e doutora em Antropologia Social. E-mail: clarindoadriely@gmail.com

2 Pedagogo, mestre e doutor em Educação. Professor no Centro de Educação na Disciplina Currículo da Educação Básica e professor permanente no Programa de Pós-graduação em Psicologia Institucional. E-mail: xela_alex@bol.com.br

3 Psicóloga, mestre em Psicologia Institucional e doutora em Sociologia Política. E-mail: rafaelaarenari@gmail.com



1 Introdução

Este ensaio é resultado das anotações pertencentes a diários de campo, escritos por diferentes processos de pesquisa, a nível de mestrado e doutorado, realizados durante os últimos quatro anos em quatro zonas de prostituição espalhadas pelo sudeste do Brasil. As diferentes zonas, localizadas nas capitais e nos interiores dos estados do Espírito Santo e de São Paulo, apesar de possuírem particularidades, apresentavam similaridades quanto aos valores cobrados por programas, além de condições de trabalho semelhantes⁴.

Entre as anotações observamos que apesar das diferenças entre os campos, estivemos quase todo o tempo do trabalho inseridos em territórios permeados por embates espirituais — ou, como as interlocutoras costumavam afirmar, em “casas de pombagiras”. Cotidianamente, era possível presenciar rituais, trabalhos e incorporações relacionados a essa entidade, que ocorriam de forma discreta. No entanto, foi apenas alguns meses após a última inserção em campo que as notas sobre essas cenas e os embates atribuídos às pombagiras nos levaram a refletir sobre as formas como performances de gênero e agência são mobilizadas por prostitutas no momento da incorporação e na oferta de agrados⁵ a essas entidades.

À medida que analisávamos as notas e buscávamos referenciais que sustentassem nossas proposições iniciais, percebemos que os estudos que articulam diretamente pombagiras e prostitutas ainda são escassos na literatura nacional. Grande parte dos trabalhos que propõem alguma aproximação entre ambas o faz por meio das biografias míticas da entidade, marcadas pela transgressão social, sobretudo no campo da sexualidade, e pelo desprezo às dualidades morais, como bem *versus* mal (Dravet, Oliveira, 2015; Meyer, 1993; Nascimento; Souza; Trindade, 2001). Essas transgressões, ao integrarem o conjunto de qualidades e valores considerados (i)morais, também são atribuídas às prostitutas, servindo como base para as correlações entre elas. Ainda assim, tais aproximações permanecem pouco exploradas.

Entre os trabalhos que analisam especificamente a relação entre prostitutas e entidades como a pombagira, destacam-se os estudos de Santos e Soares (2007), Santos (2008), Lages (2012), Blanchette, Silva e De Lisio (2018) e Bahia (2020). Em comum, esses autores apontam como a pombagira – considerada padroeira de mulheres socialmente tidas como “impróprias”, em uma

4 Estivemos especificamente em quatro zonas e, em três delas, os valores cobrados pelas trabalhadoras variavam entre 200 e 400 reais por hora. As mulheres que circulavam por esses locais eram majoritariamente brancas, universitárias, com corpos magros ou delineados por intervenções cirúrgicas e estéticas, além da prática regular de exercícios físicos. Apenas em um dos campos os valores dos programas eram considerados baixos pelas informantes, fixando-se entre 100 e 150 reais. Nesse contexto, marcado por condições de trabalho precárias, predominavam mulheres negras, com corpos sem intervenções cirúrgicas e com baixa escolaridade.

5 As interlocutoras utilizavam o termo “agrado” para designar, de forma genérica, quaisquer oferendas destinadas às pombagiras. Essa designação podia também referir-se a feitiços, rituais e/ou despachos.



vinculação que resulta de uma construção sócio-histórica – contribui para o fortalecimento dessas mulheres na luta contra as opressões que enfrentam cotidianamente. Essa relação oferece, portanto, possibilidades de agência feminina entre as prostitutas, mediadas pelas conexões estabelecidas com diferentes representações da entidade.

A Pombagira, entidade espiritual cujo culto tem origem nas tradições dos candomblés e que é amplamente cultuada na umbanda, insere-se no sistema de crenças religiosas afro-brasileiras historicamente atravessado por ações belicosas de perseguição a práticas consideradas não cristãs, sobretudo as de matriz africana. Nesse sentido, interessa-nos observar que essa entidade carrega uma herança de estigmas e estereótipos negativos associados à desvalorização e demonização, especialmente em razão de sua posição como figura feminina que reúne ambiguidades e complexidades combinadas em imagens de feminilidades transgressoras, frequentemente aproximadas daquelas atribuídas às prostitutas (Barros, 2013; Marinho, 2022). Assim, movendo-se por um território cosmopolítico identificado como Linha de Quimbanda ou Linha da Esquerda – onde se concentram entidades que atuam sobre demandas vinculadas ao desejo, sem operarem segundo juízos morais –, a pombagira se articula a práticas que subvertem e desestabilizam os regimes cristãos de representação do sagrado, afirmando outras possibilidades de agência e existência (Prandi, 1996; Barros; Bairrão, 2015).

Introduzir essas noções antes de adentrarmos nas cenas oriundas dos campos de pesquisa revela-se, portanto, fundamental. Isso porque, se por um lado a moralidade cristã historicamente dissociou-se da agência sexual feminina, por outro, como indicam Blanchette, Silva e De Lisio (2018) e Bahia (2020), não é surpreendente constatar que essas entidades são constantemente (re)criadas por mulheres que se movem, trabalham, vivem, amam e atualizam, por meio de seus corpos e experiências, outras formas de existência e espiritualidade. No caso das proximidades e correlações que nos interessam, surgem ainda outras ponderações: a multiplicidade intrínseca a ambas, prostitutas e entidades, torna sua articulação uma relação complexa. Singular e plural, como sugeriu Prandi (1996), as pombagiras são diversas, cada qual com seu nome, aparência, preferências, símbolos, mitos e pontos distintos. O mesmo ocorre com as prostitutas que, apesar dos estereótipos que objetivam enquadrá-las em características desvalorizadas socialmente, são pessoas plurais.

Na relação entre elas, inscrevem-se ainda os debates sobre os significados e a função da sexualidade nas relações de gênero. A figura da prostituta, tanto nos debates acadêmicos quanto no senso comum, ocupa simultaneamente os papéis de escrava sexual, vítima de violências e de agente subversivo dentro de uma ordem social sexista (Piscitelli, 2005; Prada, 2018). Já as pombagiras,



em análises acadêmicas, emergem como figuras femininas subversivas, devido às suas biografias míticas. No entanto, no imaginário social, são frequentemente vistas como entidades perigosas, luxuriosas e prontas para causar o mal.

Longe de se restringir a binarismos, neste ensaio observamos que a relação entre ambas transcende as noções de vítima ou algoz, resultando em possibilidades de negociação no mercado sexual⁶. Essas negociações envolvem as evocações e os agrados que algumas trabalhadoras sexuais direcionam às entidades, com o intuito de conquistar mais clientes ou se proteger de possíveis perigos e violências que estes possam causar. Assim, visando à organização estrutural e analítica do texto, dividimos as experiências vivenciadas em dois momentos distintos. No primeiro, apresentamos a incursão no primeiro campo de pesquisa e a maneira como as interlocutoras naquele local facilitaram a inserção nos outros três. A partir disso, e considerando a circulação nas diferentes zonas de prostituição, analisamos as experiências espirituais – entre pombagiras e prostitutas – que se manifestavam de forma semelhante em todos os campos investigados.

Para isso, baseamo-nos na relevância do caráter coletivo das experiências, que, conforme Walter Benjamin (1987), envolve um saber poderoso, acumulado entre gerações e transmitido por meio de histórias: a experiência narrada é, assim, compreendida como um saber coletivo. Na segunda parte, composta por dois tópicos, descrevemos ainda as experiências que ocorreram exclusivamente em um dos campos de pesquisa, onde nos inserimos por um período mais longo e acompanhamos de forma mais intensiva as interações. No primeiro tópico, abordamos como se constituem as políticas espirituais à margem, território habitado pelas interlocutoras e as entidades; no segundo, descrevemos uma cena de embate entre pombagiras. Finalmente, os dados e análises apresentados neste trabalho resultam de uma etnografia e têm como objetivo compreender como as relações entre prostitutas⁷ e pombagiras se entrelaçam com as dinâmicas de poder, políticas espirituais e formas de agência observadas nas zonas de prostituição.

2 As primeiras incursões: práticas espirituais comuns em diferentes zonas de prostituição

A primeira inserção em campo ocorreu em uma zona localizada na capital do Espírito

6 Este mercado, conforme propôs Piscitelli (2005), abrange uma gama mais ampla de serviços sexuais, além da prostituição, inclusive aqueles realizados de forma mais informal e artesanal, nos quais ocorrem formas de intercâmbio que conjugam trocas econômicas e afetiva.

7 Assim como em outros trabalhos, utilizamos as terminologias “trabalhadoras sexuais”, “prostitutas” e “garotas” de maneira alternada, e como sinônimos. Tendo em vista que o campo de disputa política em que os termos se inserem, consideramos problemático capturar em apenas uma terminologia as multiplicidades que compõem as experiências na prostituição. O mesmo ocorre com os termos “prostituição” e “trabalho sexual”, além de “boates” e “cabarés”. Em suma, afirmamos a prostituição como um trabalho, e a valoração positiva do termo prostituta no embate contra o estigma.



Santo, viabilizada pelos contatos estabelecidos com uma trabalhadora do sexo que uma das autoras conheceu durante uma pesquisa de graduação. Foi essa interlocutora que a apresentou ao proprietário do local, possibilitando o início da investigação etnográfica. As mulheres que circulavam pelo espaço eram, em sua maioria, brancas e jovens, com idades entre 18 e 30 anos. Os cachês dos programas variavam de 200 a 350 reais. E foi a partir dessa primeira incursão, que se estendeu por aproximadamente um ano e envolveu uma convivência cotidiana com as trabalhadoras do local, que se tornou possível conhecer outras boates onde a pesquisa poderia ser realizada.

Nas experiências iniciais vivenciadas na boate capixaba, observou-se a presença marcante de embates de natureza espiritual, materializados por meio de despachos⁸ deixados à porta do cabaré. Esses elementos ritualísticos geravam inquietações e conversas entre as trabalhadoras sexuais, que temiam que tais oferendas tivessem como propósito dificultar seu trabalho ou prejudicá-las, seja em nível individual ou coletivo. Nesse sentido, as rivalidades entre prostitutas, assim como as disputas entre boates concorrentes na região, eram atravessadas por embates espirituais, uma vez que os despachos, nas narrativas das interlocutoras, apareciam como sinais de ameaça ou advertência, indicando que entidades espirituais estariam sendo acionadas para comprometer os ganhos financeiros das trabalhadoras e dos proprietários do estabelecimento.

Assim, desde o início, tornava-se evidente que, apesar dos vínculos estabelecidos com as entidades, os preconceitos associados às religiões de matriz africana atravessavam e moldavam as formas de manejo dessas dinâmicas espirituais. Com o passar do tempo, notamos que certos silêncios envolviam as informações sobre os agrados e despachos. E, ainda que algumas interlocutoras relatassem com frequência incorporar pombagiras nos salões da boate, o tema permanecia cercado de reservas. Esses silêncios eram reforçados tanto pelas prostitutas quanto pelos gerentes, que manifestavam receios diante das manifestações espirituais. Tais receios dificultaram, portanto, a aproximação com as mulheres que diziam incorporar pombagiras, tornando mais complexo o entendimento sobre os efeitos da proximidade entre elas.

Ao observarmos que esses temores, muitas vezes seguidos por incorporações inesperadas, não se limitaram à primeira boate visitada, mas também se manifestaram nas outras três zonas onde realizamos trabalho de campo, e considerando que naquele momento nossos trabalhos tinham outros focos, seguimos desenvolvendo pesquisas em distintos níveis de formação e em diferentes

⁸ Os despachos, nesse contexto, referem-se a oferendas compostas por elementos como cigarros, bebidas, velas, alimentos e outros objetos do cotidiano, temporariamente investidos de poder para intermediar súplicas e forças sobrenaturais. Geralmente depositados sob o véu da noite, esses elementos funcionam como traços ou signos enigmáticos que sugerem presenças espirituais sem, contudo, revelá-las de forma explícita (Ricoeur, 1988; Cardoso, 2007).



zonas de prostituição. Ainda assim, embora a relação entre prostitutas e pombagiras não fosse nosso principal objeto de investigação, logo percebemos, em cada novo campo, a recorrência de alertas sobre os riscos – e por vezes os benefícios – de nos aproximarmos das chamadas “amigas das pombagiras”.

No que concerne às incursões nas diferentes zonas de prostituição, elas dependeram das indicações fornecidas pelas interlocutoras que trabalhavam na boate localizada na capital capixaba. Além disso, a aceitação dos proprietários das diversas casas de prostituição possibilitou que nossa pesquisa fosse realizada em estabelecimentos considerados de “luxo”⁹. Nos locais visitados, assim como nas pesquisas de Lopes (2021), o preço do programa era apenas um dos fatores que influenciavam a definição do serviço sexual como luxo: existiam pactos morais alinhados com uma “civildade burguesa”, que se manifestavam através do “bom gosto” e do fetiche do “produto diferenciado”. Em nosso caso, eram as vestimentas – que buscavam esconder os corpos das trabalhadoras – e os comportamentos – discretos e refinados, sem vulgaridades – que delineavam e sustentavam a ideia de luxo oferecida aos clientes que procuravam esse tipo de serviço.

Nesses contextos, independentemente da boate em que estivéssemos, estabelecer proximidade com qualquer mulher que tivesse vínculo com uma pombagira ou que já tivesse incorporado uma dessas entidades era visto como uma maneira de assumir uma posição de poder, mas também como uma forma de se expor a possíveis violências originadas pela intolerância religiosa¹⁰. Assim, ao acompanhar as escassas informações sobre as entidades, bem como as incorporações realizadas nos salões das diferentes boates, realizamos um exercício próximo ao que Goldman (2003) descreve ao tratar do aprendizado no candomblé: em vez de receber ensinamentos prontos, foi necessário reunir, ao longo do tempo, detalhes dispersos, recolhidos em momentos distintos do campo, até que uma síntese se tornasse possível.¹¹. O processo de síntese, por sua vez, aconteceu após o encerramento de todas as incursões nos campos de pesquisa, quando foi possível analisar as anotações dos diários de campo e entender que experiências comuns permeavam as

9 As atribuições de sentido ao termo “luxo” eram realizadas por todos os agentes envolvidos: trabalhadoras sexuais, donos dos locais, funcionários e clientes. E assim como argumenta Lopes (2021), nos cenários da prostituição, o luxo aparecia como uma fantasia direcionada para um certo público consumidor; o luxo é então uma espécie de “selo” da qualidade do produto, o sexo, neste caso.

10 A intolerância religiosa no Brasil se configura como um dos efeitos do racismo epistêmico, que se manifesta no apagamento, diminuição e marginalização das crenças ancestrais dos povos colonizados, militarmente subjugados e economicamente explorados. Os termos intolerância religiosa e racismo religioso estão em disputa, uma vez que, para alguns autores, este último é mais apropriado para descrever as discriminações direcionadas às religiões de matriz africana. Entre os argumentos favoráveis a essa distinção, destaca-se a ideia de que outras religiões não cristãs não enfrentam o mesmo tipo de preconceito, que estaria diretamente ligado à formação colonial, à divisão racial e à valorização negativa das raças, influenciando assim a compreensão das religiões (Fernandes, 2017; Marinho, 2022).

11 Como observou Goldman (2003, p. 455), no candomblé, a expressão “catar folha” se refere à ideia de que alguém que deseja aprender os meandros do culto deve abandonar a expectativa de receber ensinamentos prontos e acabados de um mestre. Apreender um detalhe ou outro sobre as relações entre pombagiras e prostitutas, em diferentes momentos da pesquisa, tornou-se, assim, um exercício de “catar folhas” em diversas zonas.



diversas zonas.

Ao longo dos anos de investigação, ouvimos histórias fragmentadas sobre mulheres que viveram amores, desamores, prazeres, vinganças e lutas, e que, após a morte, se transformaram em entidades sobrenaturais conhecidas como pombagiras. As narrativas das trabalhadoras sexuais sobre essas entidades gradualmente quebraram os silêncios que cercavam o tema, tornando-se mais frequentes à medida que passávamos mais tempo nas zonas e ganhávamos maior proximidade e respeito de nossas interlocutoras. Embora as conversas sobre o assunto surgissem de maneira breve e fragmentada, os diálogos ofereciam pistas valiosas e se alinhavam com noções presentes em estudos interdisciplinares, que entendem a pombagira como uma entidade composta por princípios que desafiam normas sociais e comportamentos esperados das mulheres, muitas vezes subvertendo ou contestando os papéis tradicionais atribuídos a elas (Barros, 2013; Lages, 2012; Mesquita, Oliveira, 2020-2021; Nascimento; Souza; Trindade, 2001; Reis, 2020; Santos, 2008).

Nos cenários considerados luxuosos, onde homenagens ou altares poderiam romper o pacto moral de civilidade burguesa que define a noção de luxo nas boates, as articulações entre pombagiras e prostitutas não se manifestavam por meio de elementos óbvios, como altares destinados àquelas ou a quaisquer outras entidades ligadas às religiões afro-brasileiras. As relações eram, portanto, sutis, tecidas por detalhes discretos presentes no ambiente físico das diferentes boates. Apenas os funcionários, proprietários e as trabalhadoras atribuíam significados espirituais a esses elementos, pois eram eles que os manipulavam no cotidiano¹².

Ramalhetes de rosas brancas ou vermelhas, trocados semanalmente, eram comumente fixados em pontos discretos das casas, como dentro de armários ou perto das portas. Em momentos de descontração, e acompanhados de silêncios súbitos, comentava-se que as flores eram uma forma de agradar à pombagira responsável pela casa. Além disso, em duas das quatro casas pesquisadas, taças de champanhe eram oferecidas às mulheres no início de seu expediente, mas exclusivamente para aquelas que começavam a trabalhar ali. Nesses locais, as mulheres frequentemente explicavam que a bebida era uma homenagem à pombagira protetora, e circulava entre as interlocutoras o conselho de evitar consumir a bebida mais de uma vez, pois duas doses poderiam resultar em castigos espirituais.

Em algumas boates, pequenos sacos de pipoca eram distribuídos pelo salão, mas as trabalhadoras não podiam tocá-los ou consumi-los. Os clientes, por sua vez, não podiam sequer

¹² Um complemento relevante a essas observações pode ser encontrado no trabalho de Blanchette, Silva e De Lísio (2018), que destacam a importância da ausência das entidades em bordéis sofisticados. Os autores sugerem que essa ausência se deve ao fato de que os clientes desses estabelecimentos pertencem a classes sociais mais altas e, em sua maioria, são brancos.



perceber a presença das pipocas, pois eram posicionadas em pontos estratégicos, distantes do centro do salão, onde homens e garotas costumavam ficar, logo antes da abertura do local. Para os clientes, rosas, taças de champanhe e pipocas não eram vistos como oferendas destinadas às entidades, das quais muitos, inclusive, temiam ou nunca haviam ouvido falar. Em contraste, para as prostitutas e os funcionários, esses detalhes eram reconhecidos como homenagens explícitas às pombagiras.

Além dos pequenos agrados, algumas trabalhadoras também realizavam oferendas individuais às entidades, com o intuito de intensificar seu poder de atração e, assim, ampliar seus ganhos. No entanto, práticas como essa – ou mesmo ações como evocar ou incorporar uma pombagira – eram, por vezes, percebidas por outras como uma forma de romper com as economias morais (Fassin, 2019) compartilhadas no cotidiano das boates. Muitas interlocutoras enfatizavam que as disputas por clientes deveriam acontecer por meio das qualidades singulares de cada mulher, como carisma, presença e estratégias de sedução, e não com o auxílio de forças espirituais assimétricas. Curiosamente, enganar um cliente ou mesmo um(a) proprietário(a) da casa não era, necessariamente, malvisto; mas recorrer a entidades para sobrepor-se a uma colega podia levar ao rompimento de laços de solidariedade e exclusão das redes de apoio entre as trabalhadoras.

Assim, quando as trabalhadoras sexuais percebiam que a conquista de um cliente ou a proteção espiritual obtida por uma colega não se devia apenas a qualidades individuais, mas também à mediação de forças espirituais, surgiam acusações relacionadas ao uso indevido dessas potências. Nessas situações, evocá-las poderia ser interpretado como uma vantagem desleal, por escapar às lógicas compartilhadas que valorizavam a disputa por meio de atributos próprios e estratégias aprendidas na prática cotidiana do trabalho. As pombagiras, por sua vez, pareciam pouco afetadas pelas distâncias simbólicas impostas ou pelos supostos mistérios que cercavam suas manifestações nos cabarés. Segundo narrativas das interlocutoras, as entidades surgiam de maneira inesperada nas noites das boates, manifestando-se junto aos corpos de suas médiuns¹³.

Em meio aos salões, elas expressavam suas risadas marcantes, convidavam clientes para os quartos e, por vezes, lançavam olhares altivos a outras mulheres que cruzavam seu caminho. Quando sua presença causava agitação ou escapava aos padrões de comportamento valorizados pelas casas, pautados por um ideal de discrição e elegância associado ao “selo de luxo”, era comum que os seguranças as conduzissem para fora do salão. No dia seguinte, as mulheres que haviam incorporado as entidades frequentemente atribuíam a elas a responsabilidade por quaisquer

13 Neste contexto, a figura do médium ganha destaque tanto como expressão de crença quanto como possibilidade de contato com o mundo espiritual – invisível e pertencente a uma dimensão distinta da humana e terrena (Scorsolini-Comin; Campos, 2017).



excessos ou mal-entendidos ocorridos durante a noite.

Desconfianças quanto à veracidade das incorporações¹⁴ emergiam de maneira semelhante nas diferentes zonas em que estivemos. Muitas prostitutas ponderavam que certos comportamentos, considerados inadequados ou excessivamente sedutores durante as incorporações, poderiam ser interpretados como resultado do consumo elevado de bebidas alcoólicas ou, ainda, como formas performáticas de atrair a atenção das pessoas presentes. Em alguns casos, também se aventava a possibilidade de tais manifestações estarem associadas a questões psíquicas específicas. Entre as trabalhadoras que, em discretas ocasiões, revelavam frequentar terreiros de umbanda ou candomblé, havia quem afirmasse que aquelas manifestações não se tratavam de incorporações legítimas de pombagiras, mas sim de espíritos zombeteiros ou pertencentes a esferas mais densas. Segundo essas interpretações, uma entidade como a pombagira, dotada de tantos predicados e respeito nos terreiros, não se manifestaria em um ambiente como o cabaré, considerado por elas como inadequado à sua presença.

As incorporações, disputas e cenas observadas ao longo dos anos de pesquisa revelam, portanto, não somente a presença das pombagiras nos salões, mas também como imagens de um feminino dissidente, em contraste com as expectativas sociais de gênero, emergiam nas narrativas das interlocutoras. As relações entre entidades e prostitutas desestabilizavam silenciosamente os códigos da “civildade burguesa” que regiam os cabarés de luxo e, inadvertidamente, encantavam os clientes presentes.

3 Nas margens: políticas da espiritualidade

No território cosmopolítico onde prostitutas e pombagiras se entrecruzavam, emergia também a necessidade de compreender a qual entidade espiritual a casa pertencia – ou seja, a qual pombagira os gerentes e proprietários dirigiam agrados. De acordo com algumas trabalhadoras, identificar a entidade reverenciada pelos donos da boate era uma forma de evitar desrespeitá-la, reconhecendo sua força e influência sobre o espaço. Esses detalhes, longe de emergirem como trivialidades, revelavam a presença de uma política da espiritualidade que, nos termos propostos por Veer (2009), configura-se como uma forma de agenciamento que mobiliza sujeitos, institui vínculos e produz realidades. Assim, tal política se inscrevia de maneira concreta nos modos de organização das casas de prostituição em que estivemos.

14 A incorporação, como propõe Cumino (2016), distingue-se da possessão principalmente pelo grau de consentimento envolvido no processo. Na incorporação, há uma decisão consciente do ego em permitir a manifestação espiritual; ou seja, o sujeito escolhe estabelecer uma comunicação e abrir-se à presença da entidade. Já na **possessão**, ao contrário, a manifestação ocorre sem uma autorização consciente, sendo o corpo do médium tomado por uma força externa sem que haja, necessariamente, um acordo voluntário para tal acontecimento.



No dia a dia, as políticas espirituais eram vistas como ferramentas de proteção e auxílio no trabalho. Esse processo poderia ser individual, como no caso de uma trabalhadora que, ao consultar mães ou pais de santo em terreiros de umbanda ou candomblé para descobrir qual pombagira se identificava com seu estilo de vida e objetivos, passava a fazer oferendas para proteção e para conquistar favores, principalmente nas questões amorosas e de sedução. Como também poderiam ser coletivos, como quando grupos de trabalhadoras se reuniam discretamente para acender velas ou fazer oferendas às pombagiras, fosse durante o expediente ou em momentos fora dele.

E, embora os conhecimentos das trabalhadoras sobre as entidades e as práticas de despacho nem sempre seguissem os preceitos das religiões afro-brasileiras, a identificação com uma pombagira gerava a crença de que seus pedidos seriam atendidos. Os agrados e rituais realizados, como banhos de descarrego, oferendas e ebós, eram vistos como formas de proteção e de atração de boas energias. Quando uma mulher realizava muitos programas em um dia, as colegas acreditavam que a explicação não estava apenas em sua beleza ou poder de sedução, mas na energia de uma pombagira. Desse modo, estar sob sua proteção conferia à trabalhadora sexual a capacidade de influenciar os desejos dos clientes e até de interferir nas relações entre as colegas, modificando o ambiente da boate.

Em contraste com os estudos que destacam a associação entre pombagiras e os estereótipos da prostituta, e que analisam criticamente a relação histórica entre a figura da feiticeira e a “mulher da vida” desde o século XVII (Santos; Soares, 2007), ou com pesquisas que abordam a influência da pombagira para que a consulente abandone o trabalho sexual (Bahia, 2020), nas mulheres com quem trabalhamos a identificação com as pombagiras estava ligada à percepção de que essas entidades, com suas qualidades que desafiam as normas cristãs e os atributos de gênero socialmente valorizados, compartilhavam características comuns e necessárias ao trabalho. Assim, as percepções sobre as relações entre as interlocutoras e as entidades eram baseadas em atributos de feminilidade comuns entre pombagiras e prostitutas, que promoviam conexão e afeição. As pombagiras mais mencionadas nas narrativas das interlocutoras eram Maria Molambo, Pombagira Menina, Pombagira Cigana, Pombagira Sete Saias e Maria Padilha. Esta última, considerada a rainha dos cabarés, era a mais reverenciada nos discursos locais. Nesse horizonte relacional, em vez de sugerirem conclusões definitivas sobre quem escolhe ou é escolhida, as interlocutoras levantavam questões inconclusivas sobre o assunto: seria a prostituta quem incorporava as características da pombagira, ou seria a entidade quem escolhia sua protegida com base em traços de personalidade e feminilidade?

Desafiando a ideia de limitar as pombagiras a estereótipos frequentemente associados



à figura idealizada da prostituta, as trabalhadoras sexuais sugeriam que uma mesma entidade, dependendo da mulher que a incorporasse, poderia se manifestar no salão de diversas formas e com diferentes comportamentos. Assim, embora duas ou mais prostitutas afirmassem ter proximidade com uma pombagira específica e compartilhassem algumas semelhanças em suas táticas de sedução, cada uma, ao incorporar a entidade, expressava suas próprias particularidades femininas. Essas particularidades eram vistas como uma espécie de charme pessoal, um *sex appeal* que toda garota de programa deveria cultivar para se destacar entre as colegas e atrair a atenção dos clientes ou dos homens que desejava. Nesse sentido, durante a incorporação, os atributos de feminilidade em performance¹⁵ – expressos pelos movimentos das mulheres que incorporavam e pelas características atribuídas à entidade – revelavam algo da pombagira, sem, no entanto, esgotá-la (Barros; Bairrão, 2015).

Para as interlocutoras, o que realmente importava era como a relação entre as prostitutas e as entidades espirituais tinha o poder de transformar ou subverter as dinâmicas de poder presentes nas zonas de prostituição. Nesse encontro, emergia uma práxis política capaz de perturbar as relações de poder, uma vez que, ao modificar interações com clientes – seja por sedução ou proteção – ou entre as próprias prostitutas – seja por parcerias ou disputas –, as relações espirituais se configuravam como formas de agência. Ou seja, ao acionar e vincular suas capacidades às forças sobrenaturais das entidades, as prostitutas utilizavam as políticas da espiritualidade não apenas como uma ferramenta para ganhos financeiros, ou como forma de vingança e proteção diante de outras colegas, mas também como um meio de antecipar e se proteger de possíveis violências de clientes. Nesse território físico e subjetivo onde a prostituição não é regulamentada – o que compromete a legitimação da prostituição como um trabalho e, em um nível mais profundo, revela a precariedade da profissão e o valor moral inferior atribuído às prostitutas (Caminhas, 2020) – a espiritualidade nas margens oferecia uma maneira de alterar, ainda que de forma limitada, as formas de organização da realidade¹⁶.

Considerando que as margens aqui abordadas seguem a noção elaborada por Das e Poole (2004): não apenas como espaços territoriais, mas como zonas onde a lei e as práticas estatais são

15 Utilizamos o termo “performance” em consonância com as perspectivas de Butler (1999), compreendendo-o como uma construção dramática e contingente vinculada ao gênero. No contexto das discussões deste trabalho, e ainda em diálogo com as proposições da autora, as feminilidades, enquanto expressões de gênero em performance, só se materializam por meio da repetição estilizada do corpo: quando atos e gestos reiterados produzem o efeito de uma substância aparentemente estável. Considerando que, no gênero enquanto performativo, o que se repete deve ser o mesmo, mas nunca pode ser idêntico (Rodrigues, 2012), os atributos de feminilidade aqui mencionados são continuamente (re)produzidos e transformados. Esses atributos apontam para sentidos e significados singulares, elaborados por cada interlocutora a partir de sua corporeidade, de seus modos de subjetivação e de sua relação específica com a entidade.

16 Como sugere Giumbelli e Toniol (2017, p. 165) “espiritualidade é uma categoria que importa porque permite alterar a forma de organizar a realidade”.



atravessadas e ressignificadas por outras formas de regulação, a criatividade que emerge nesses contextos está diretamente ligada à necessidade de sobrevivência de quem os habita. Nesse sentido, a relação espiritual entre prostitutas e pombagiras, apesar do distanciamento das interlocutoras com os sistemas de crenças religiosas, reafirma a espiritualidade como categoria analítica fundamental. Isso porque ela incide diretamente sobre as possibilidades e limites de agência nas relações sociais inscritas nas margens. Em consonância às proposições de Toniol (2017, p. 169), a espiritualidade, nos contextos investigados, emergia, portanto, “como produto histórico de processos discursivos, cujas formas de relação com a religião eram contingenciais e não predeterminadas”.

4 Espiritualidade, agência e sua dimensão formativa

Foi uma grande confusão
Encontraram a pombagira incorporada no salão
Foi uma grande confusão [...]
Que moça é essa? Quem ela é?
Ela é Maria Padilha
Rainha do cabaré (Maria [...], 2015)¹⁷.

A partir de um episódio conflituoso ocorrido na segunda boate investigada, foi possível observar como as noções de agência eram complexificadas entre as prostitutas por meio das políticas da espiritualidade. Em jogo estava a crença no poder das entidades de potencializar a força combativa das consulentes, ao mesmo tempo em que contribuíam para a produção de performances mais confiantes e sedutoras, capazes de reconfigurar dinâmicas de disputa e prestígio no interior da zona. Assim, o trecho descrito a seguir, que sucede as conversas sobre os atributos de feminilidade, evidencia como o embate entre as trabalhadoras sexuais era atravessado não apenas por rivalidades e alianças cotidianas, mas também por disputas simbólicas mediadas pela presença e intervenção das pombagiras.

Parte do processo de pesquisa se desenvolveu ainda durante o cenário pandêmico, período em que a boate permaneceu vazia por longos intervalos. Esse contexto agravou as dificuldades financeiras enfrentadas pelas prostitutas, o que impulsionou a intensificação de toda sorte de “mandingas” – técnicas, magias, saberes fronteiriços e encantamentos que, conforme propõe Rodrigues Júnior (2017), vigoram e potencializam o corpo. Diante da urgência em gerar renda, esses recursos foram elaborados e testados pelas interlocutoras com o intuito de atrair e seduzir clientes. Práticas como a coleta de urina de colegas que nunca haviam realizado sexo anal, utilizada para ser despejada no portão da boate, ou ainda a distribuição de pequenas porções de mel nas

¹⁷ “Foi uma grande confusão”, ponto de Maria Padilha (Maria [...], 2015).



entradas de determinados quartos, compunham o leque de mandingas possíveis. Algumas das mulheres, por sua vez, também recorriam a comunicações individuais com as entidades, buscando nelas forças e orientações para atravessar o momento de escassez.

Com o passar dos meses pandêmicos, a disseminação de magias entre as prostitutas se intensificou, especialmente após a chegada de uma nova trabalhadora à boate. Diante dos ganhos incomuns que ela vinha obtendo na zona, começaram a surgir incômodos, rivalidades e conflitos. No desenrolar dessas disputas, um confronto entre duas mulheres ganhou contornos espirituais e passou a ser conhecido como o “embate entre pombagiras”. Ainda que a expressão causasse certo desconforto entre aquelas poucas que seguiam os preceitos religiosos relacionados às entidades, o episódio evidenciou os meandros das políticas espirituais que atravessavam aquele espaço. Aline¹⁸, protagonista do embate e recém-chegada à zona, era uma mulher loira, de cerca de 28 anos, expansiva e sempre sorridente. Rapidamente, conquistou o único grupo de clientes presente na boate – cerca de cinco homens, com idades entre 40 e 60 anos. Em uma tarde, remexendo a má sorte coletiva instaurada pelo contexto pandêmico, Aline realizou três programas, dois deles com homens do mesmo grupo. O sucesso inesperado despertou incômodo entre as demais trabalhadoras: olhares atravessados e comentários sussurrados começaram a circular em torno da garota, que, por sua vez, parecia alheia às tensões que se acumulavam ao seu redor.

Os comentários sobre a novata, marcados por um tom acusatório, evidenciavam o desconforto com seu sucesso repentino e giravam em torno de especulações sobre sua espiritualidade. Em meio a sussurros e olhares desconfiados, algumas colegas afirmavam que Aline mudava de comportamento e personalidade ao consumir bebida alcoólica. Risadas estridentes, de tom debochado, sua voz fina e o modo imponente com que atravessava o salão pareciam confirmar, para muitas, que ela incorporava uma pombagira. As suposições recaíam especialmente sobre Dona Maria Padilha, ou, como diziam as interlocutoras com convicção: “Aline tá pura Padilha”.

A expressão “pura Padilha” antecedia e sustentava as conversas que atribuíam os ganhos financeiros de Aline à sua suposta conexão espiritual com a pombagira. Ao nos aproximarmos de outras mulheres, ficou evidente que o incômodo e as rivalidades envolvendo a novata também se espalhavam por diferentes rodas de conversa. Algumas prostitutas alegavam que o sucesso de Aline se devia à ausência de preservativos durante os programas ou à prática de valores abaixo da média cobrada no local. Em outras ocasiões, comentava-se com certo desalento que mulheres consideradas mais bonitas do que ela estavam em clara desvantagem frente às mandingas que, supostamente, a favoreciam.

18 Utilizamos nomes fictícios para nos referir a todas as interlocutoras mencionadas.



Nenhuma delas, contudo, cogitava um confronto direto com a protagonista dos rumores. Ao contrário, incentivavam entre si estratégias de aproximação com Aline, na esperança de que as forças envolvidas em seus supostos feitiços pudessem favorecê-las ou ao menos protegê-las. Mais do que temer suas habilidades de sedução ou sua presença marcante, o receio residia na possibilidade de provocar a fúria da entidade que acreditavam acompanhá-la. Esse cuidado se estendia a qualquer mulher cuja relação com pombagiras fosse percebida como intensa ou visível. Assim, as alianças e os afastamentos entre as trabalhadoras daquela boate eram atravessados por dinâmicas espirituais e um conjunto de crenças, que organizavam não apenas os afetos, mas também a própria lógica dos vínculos e disputas no interior da zona.

Os incômodos e prejuízos perduraram nos dias e noites subsequentes à chegada de Aline, e as tensões entre as Prostitutas se intensificaram, inevitavelmente se convertendo em um confronto. Em uma noite comum, o ambiente da boate foi tomado por gritos e risadas estridentes, enquanto o som dos saltos altos batendo no chão marcava o ritmo do conflito. Naquele momento, uma das pesquisadoras e outras cinco mulheres estavam afastadas do salão e foram informadas do embate apenas pelos sons que ecoavam pela boate. Uma das interlocutoras se aproximou e nos contou que Karina, uma colega, teve um desentendimento com Aline. A situação começou quando Karina estava flertando com um cliente, mas Aline, utilizando suas próprias estratégias de atração, se aproximou e se sentou à mesa com ele, conquistando sua atenção. Karina, sentindo-se frustrada com a situação, reagiu, e copos cheios de bebida foram lançados uma contra a outra, precedendo o confronto físico. Embora os donos e gerentes da boate tenham interrompido os tapas e empurrões, ofensas foram direcionadas a Aline.

Maldições e ameaças de feitiços futuros surgiram no meio das discussões, sendo utilizadas como uma tentativa de intimidação. Embora o confronto físico tenha durado apenas alguns minutos, os comentários sobre o ocorrido continuaram a circular durante semanas. Quando questionadas sobre o episódio, algumas prostitutas atribuíam o incidente ao consumo excessivo de bebidas alcoólicas, rejeitando qualquer vínculo entre o conflito e as entidades. Elas temiam e respeitavam as pombagiras de tal forma que não podiam associá-las a esse tipo de confronto. Por outro lado, algumas acreditavam firmemente na influência das entidades e atribuíram as ações das colegas ao poder das pombagiras, como se as protagonistas do embate estivessem agindo sob seu domínio.

Essa crença foi também confirmada por Aline e Karina, que em outras ocasiões compartilharam histórias sobre como conquistaram clientes quando estavam acompanhadas pelas entidades. Para estas últimas, o processo de incorporação envolvia um movimento de se sentir como outra mulher, às vezes, mas nem sempre, entregando-se parcialmente às vontades da



entidade. Por isso, especialmente em situações de conflito, as interlocutoras tendiam a atribuir as responsabilidades por suas ações às pombagiras.

Birman (2005), ao analisar como as relações de gênero são tratadas na literatura antropológica sobre os cultos afro-brasileiros, sugeriu que existem benefícios em considerarmos os mecanismos compensatórios que a perspectiva nativa apresenta. A autora argumenta que, ao aceitarmos a condição de agentes que os religiosos/consultentes atribuem às entidades, pode-se olhar com menos constrangimentos teóricos, e até teológicos, às delicadas relações entre humanos, deuses e espíritos nas tramas que envolvem sexualidade, afetos e relações de poder que as atravessam.

Convergindo com as proposições de Birman, ao privilegiarmos as perspectivas das prostitutas, torna-se evidente que as protagonistas dos embates relatavam experiências de parcial perda de consciência e uma postura passiva diante dos imperativos das entidades. Ainda que a evocação da pombagira envolvesse certo grau de decisão consciente, e que as incorporações pudessem oferecer às médiuns uma posição de poder nas dinâmicas locais, suas ações permaneciam atravessadas por limites impostos por outros agentes organizados por uma lógica que, em muitos aspectos, lhes escapava ao controle (Birman, 2005; Rabelo, 2008). Ou seja, durante a incorporação, as pombagiras assumiam, em alguma medida, o comando sobre o corpo das consultentes, o que nos conduz a considerar, à semelhança do que propõem Flaksman (2016) e Bassi (2016), uma forma específica de agência também a entidades espirituais.

Isso implica reconhecer que, ao atribuírem às entidades espirituais a responsabilidade por suas ações, Karina e Aline não estavam simplesmente negando suas próprias capacidades, mas realocando a potência de suas práticas àquelas com quem mantinham relações espirituais. O que se evidencia, portanto, é uma suspensão momentânea da agência individual: um desagenciamento estratégico que transfere a ação para as entidades incorporadas, sem, contudo, anular completamente a intencionalidade das prostitutas (Rabelo, 2008). Diante disso, torna-se necessário repensar, ou, ao menos, tratar com maior atenção crítica, os modelos hegemônicos de agência e poder. Isso porque, se as políticas da espiritualidade incidem diretamente na capacidades e limites de agência dos sujeitos envolvidos em relações inscritas nas margens, sendo capaz de reordenar a realidade em que elas estão inseridas, a passividade diante da força das entidades não redundava em sujeição, como oposto de agência, mas em sua dimensão formativa (Mahmood, 2001; Rabelo, 2008; Martelli; Bairrão, 2019).

Se tomarmos a noção de agência para além de sua definição liberal, como resistência ou autonomia consciente, e a aproximarmos da sua dimensão formativa, como propõe Mahmood (2011), somos ainda levados a considerar os modos pelos quais atitudes como passividade e



entrega não foram operadas como ausência de agência, mas como condições para a sua formação. A agência, nesse registro, não se apresentava como uma substância ou atributo fixo do sujeito, mas como um processo formativo, contínuo e situado. Trata-se da aprendizagem e incorporação de técnicas – como as mandingas –, afetos e disposições no contexto das relações entre os diversos agentes que compõem o cotidiano do trabalho sexual. Nessa perspectiva, as práticas espirituais e os processos de incorporação não apenas atravessavam o cotidiano, mas também eram operados como dispositivos pedagógicos, por meio dos quais as prostitutas aprendiam a manejar situações, a se proteger, a cultivar vínculos e a produzir modos específicos de estar no mundo.

Assim, torna-se possível argumentar que o encontro entre pombagiras e prostitutas pode ser compreendido como uma relação que instaura uma forma particular de agência, levantando questões importantes sobre os modos de vinculação entre humanos e entidades. Uma agência que envolve uma “[...] maleabilidade que é requerida de alguém para ser instruído em uma técnica ou conhecimento particular [...]” (Mahmood, 2001, p. 210, tradução nossa),¹⁹ sendo, portanto, capaz de carregar uma potência transformadora, na medida em que produz relações por meio de formas de ação que escapam à lógica da autonomia individual ou da resistência explícita.

Em questão está o dado de que, ao deslocarem para a entidade a responsabilidade por certos atos, as interlocutoras corroboram com a diluição os contornos do “eu” e evidenciam uma espécie de agência partilhada, que é tanto espiritual quanto estratégica. Isto é, por meio da redistribuição da agência, pombagiras e prostitutas compartilham a autoria das ações: “[...] tanto o médium dá voz e corpo à entidade como esta lhe confere determinadas características” (Scorsolini-Comin; Godoy; Gaia, 2020, p. 39). Desse modo, as políticas da espiritualidade e as formas com que as entidades são evocadas e incorporadas, não devem ser interpretadas unicamente como um espaço de experimentação ou subversão da ordem social dominante, mas como uma relação que cria uma maneira própria de agir e, em certa medida, transformar a realidade.

5 Conclusão

As análises sobre as evocações e incorporações de pombagiras por prostitutas não se limitam à reafirmação de representações estereotipadas que reduzem ambas a figuras moralmente degradadas ou associadas a práticas vulgares e desonestas. Ao contrário, elas contribuem para aprofundar os estudos que investigam as relações entre espiritualidade e agência, permitindo repensar os modos pelos quais sujeitos historicamente marginalizados elaboram práticas de

19 No original: “the term literally implies the malleability required of someone in order for her to be instructed in a particular skill or knowledge” (Mahmood, 2001, p. 210).



resistência, cuidado e reinvenção de si. Ao considerar essas dinâmicas, o trabalho também contribui para os debates sobre como a presença das entidades se articula a trajetórias, afetos e estratégias situadas.

Adicionalmente, ao observarmos que, nos diferentes contextos investigados, as políticas espirituais são atravessadas por valorações sociais negativas tanto sobre as prostitutas quanto sobre as entidades, torna-se evidente que essa proximidade culmina em estratégias de sobrevivência que exigem disfarces, silêncios e gestos de opacidade para não serem facilmente desmanteladas. A afinidade entre elas revela ainda a existência de saberes práticos, forjados no entrelaçamento da espiritualidade com ações e desafios próprios ao trabalho sexual, e que operam como formas de invenção de si e de manejo das necessidades que marcam esses circuitos.

O deslocamento na compreensão da agência nos permite então pensar a prostituição e a relação com entidades como campos de produção de subjetividades complexas, onde potência e contenção, ação e espera, não se opõem, mas se entrelaçam. De tal modo que a dimensão formativa dessa agência não se dá de modo instantâneo, mas exige tempo, repetição, escuta e abertura ao outro. O que não é incomum tanto nos processos de incorporação quanto no cotidiano das prostitutas em suas rotinas de trabalho e negociação. Embora nas zonas de prostituição, as relações com a espiritualidade não fossem determinadas por uma religião específica, surgindo de forma contingencial, situada e não predeterminada, elas também demandavam aprendizado, observação e domínio de técnicas. Assim como na formação de um filho de santo no candomblé, onde aprender significa saber sujeitar-se (Rabelo, 2014), as interlocutoras também se engajavam em processos de aprendizado nos quais a relação com as pombagiras exigia atenção, escuta e disposição para incorporar códigos afetivos e espirituais.

Finalmente, ao considerarmos que as políticas da espiritualidade também envolviam encontros, disputas e conflitos entre prostitutas, e que, muitas vezes, as pombagiras eram evocadas no contexto da produção do desejo do cliente, torna-se evidente que a agência das interlocutoras não se manifestava, necessariamente, como uma oposição às normas sociais de gênero e sexualidade. O que chama a atenção, entretanto, é que elas operavam nas ambivalências do desejo, do corpo, da proteção – e é justamente aí que residia sua força. Assim, quando levamos a sério a proposição de Mahmood (2011) de que a agência não deve ser reduzida à vontade individual ou à consciência autônoma, por estar moldada por formas históricas, normas sedimentadas e afetos, compreendemos que, entre prostitutas e pombagiras, práticas e vivências são atravessadas por registros múltiplos: espirituais, econômicos, sexuais e afetivos. Isso implica afirmar que realizar o trabalho sexual ou cultuar uma entidade como a pombagira, naqueles contextos, não podia ser lido apenas como



resistência, tampouco como submissão: tratava-se, antes de tudo, de um modo situado de habitar, negociar e reorganizar as normas que moldavam suas existências.

Referências

BAHIA, Joana. Prostituição e religiões afro-brasileiras em Portugal: gênero e discursos pós-coloniais. *Revista Brasileira de História das Religiões*, [Maringá], ano XII, n. 36, p. 35-53, jan./abr. 2020. DOI: <https://doi.org/10.4025/rbhranpuh.v12i36.50998>. Disponível em: <https://periodicos.uem.br/ojs/index.php/RbhrAnpuh/article/view/50998>. Acesso em: 19 abr. 2025.

BARROS, Mariana Leal de. “Os deuses não ficarão escandalizados”: ascendências e reminiscências de femininos subversivos no sagrado. *Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 21, n. 2, p. 509-534, maio/ago. 2013. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0104-026X2013000200005>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ref/a/5JnZBzTNmbmN6CkhPKcRR7f/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 19 abr. 2025.

BARROS, Mariana Leal de; BAIRRÃO, José Francisco Miguel Henriques. Performances de gênero na umbanda: a pombagira como interpretação afro-brasileira de “mulher”? *Revista do Instituto de Estudos Brasileiros*, [São Paulo], n. 62, p. 126-145, dez. 2015. DOI: <https://doi.org/10.11606/issn.2316-901X.v0i62p126-145>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rieb/a/X4H65Gj37NQqctdySqMGS5c/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 19 abr. 2025.

BASSI, Francesca. Atos rituais: eventos, agências e eficácias no Candomblé. *Religião & Sociedade*, Rio de Janeiro, v. 36, n. 2, p. 244-265, jul. 2016. DOI: <https://doi.org/10.1590/0100-85872016v36n2cap11>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rs/a/WVmVZLQSV4jWw6gXRSCWSjC/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 19 abr. 2025.

BENJAMIN, Walter. *Obras escolhidas I: magia e técnica, arte e política: ensaios sobre a literatura e história da cultura*. São Paulo: Brasiliense, 1987. v. 1.

BIRMAN, Patrícia. Transas e transes: sexo e gênero nos cultos afro-brasileiros, um sobrevôo. *Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 13, n. 2, p. 403-414, maio/ago. 2005. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0104-026X200500020015>. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/S0104-026X200500020015>. Acesso em: 19 abr. 2025.

BLANCHETTE, Thadeus; SILVA, Ana Paula; DE LISIO Amanda. “Pomba Gira keeps an eye on us”: The presence of the Orixá in Rio de Janeiro brothels. *Studia Religiológica*, [s. l.], v. 51, n. 4, p. 247-263, dez. 2018. DOI: <https://doi.org/10.4467/20844077SR.18.018.10102>. Disponível em: <https://www.semanticscholar.org/reader/42a36debc36e60817867bae7acf5f46cb32a42ff>. Acesso em: 27 maio 2026.



BUTLER, Judith. *Gender trouble: feminism and the subversion of identity*. Nova York: Routledge, 1999.

CAMINHAS, Lorena. A regulamentação da prostituição é uma demanda por justiça? *Revista brasileira de ciências sociais*, [São Paulo], v. 35, n. 103, e3510310, p. 1-18, 2020. DOI: <https://doi.org/10.1590/3510310/2020>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbsoc/a/rcVwN7ysSw5ftTrd6THqpdQ/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 19 abr. 2025.

CARDOSO, Vânia Zikán. Narrar o mundo: estórias do “povo da rua” e a narração do imprevisível. *Mana*, [Rio de Janeiro], v. 13, n. 2, p. 317-345, out. 2007. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0104-93132007000200002>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/mana/a/PXXZPV7nvc5R38WbPtynq6k/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 19 abr. 2025.

CUMINO, Alexandre. *Médium: incorporação não é possessão*. São Paulo: Madras, 2016.

DAS, Veena; POOLE, Deborah. (ed.). *Anthropology in the Margins of the State*. Santa Fe, EUA: SAR Press, 2004. (School of American Research Advanced Seminar Series).

DRAVET, Florence; OLIVEIRA, Leandro. Novas imagens da pombagira na cultura pop: símbolos, mitos e estereótipos em circulação. *Comunicação, Mídia e Consumo*, [São Paulo], v. 12, n. 35, p. 49-70, set./dez. 2015. DOI: <https://doi.org/10.18568/cmc.v12i35.1082>. Disponível em: <https://revistacmc.espm.br/revistacmc/article/view/1082>. Acesso em: 19 abr. 2025.

FASSIN, Didier. As economias morais revisitadas. *Revista Brasileira de Sociologia da Emoção*, [s. l.], v. 18, n. 53, p. 27-54, ago. 2019. Disponível em: https://www.cchla.ufpb.br/rbse/FassinResumos_RBSEv18n53ago2019.pdf. Acesso em: 19 abr. 2025.

FAVARO, Jean; WEDIG, Josiane Carine; CORONA, Hieda Maria Pagliosa. O rosto das diabas: bruxaria e subversão na cosmopolítica das Pombas-giras. *Cadernos Pagu*, [São Paulo], n. 64, 2022. DOI: <https://doi.org/10.1590/18094449202200640019>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/cpa/a/7BF5hZfBCcjs4j589t7Dnms/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 19 abr. 2025.

FERNANDES, Nathalia Vince Esgalha. A raiz do pensamento colonial na intolerância religiosa contra religiões de matriz africana. *Revista Calundu*, Brasília, DF, v. 1, n. 1, p. 117-136, jan./jun. 2017. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/revistacalundu/index>. Acesso em: 19 abr. 2025.

FLAKSMAN, Clara. Relações e narrativas: o enredo no candomblé da Bahia. *Religião & Sociedade*, Rio de Janeiro, v. 36, n. 1, p. 13-33, jan. 2016. DOI: <https://doi.org/10.1590/0100-85872016v36n1cap01>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rs/a/BQZmgvKQLQNp9Z6vYCxbHcD/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 19 abr. 2025.



GIUMBELLI, Emerson; TONIOL, Rodrigo. What is spirituality for? New relations between religion, health and public spaces. *In*: BLANES, Ruy; MAPRIL, Jose; GIUMBELLI, Emerson; WILSON, Erik. (ed.). *Secularisms in a Postsecular Age? Religiosities and Subjectivities in Comparative Perspective*. Camden: Palgrave Macmillan, 2017. p. 147-167.

GOLDMAN, Marcio. Os tambores dos mortos e os tambores dos vivos. *Etnografia, antropologia e política em Ilhéus, Bahia*. *Revista de Antropologia*, São Paulo, v. 46, n. 2, p. 445-476, 2003. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0034-77012003000200012>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ra/a/ZbLf7Zpb9rXF7bqnd56GPd/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 19 abr. 2025.

LAGES, Sônia Regina Corrêa. Possessão e inversão da subalternidade: com a palavra, Pombagira das Rosas. *Psicologia & Sociedade*, [s. l.], v. 24, n. 3, p. 527-535, 2012. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0102-71822012000300006>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/psoc/a/VFRd3sKgdrnDN5RxRWnyRrQ/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 19 abr. 2025.

LOPES, Natânia. Sentidos e fantasias sobre o “luxo” na prostituição de “alto escalão” carioca. *Revista De Antropologia*, São Paulo, v. 64, n. 3, e189656, 2021. DOI: <https://doi.org/10.11606/1678-9857.ra.2020.189656>. Disponível em: https://revistas.usp.br/ra/pt_BR/article/view/189656. Acesso em: 19 abr. 2025.

MAHMOOD, Saba. Feminist theory, embodiment and the docile agent: Some reflections on the egyptian islamic revival. *Cultural Anthropology*, [s. l.], v. 16, n. 2, p. 202-236, 2001. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/656537>. Acesso em: 19 abr. 2025.

MAHMOOD, Saba. *Politics of Piety: The Islamic Revival and the Feminist Subject*. Princeton: Princeton University Press, 2011.

MARIA Padilha “Foi uma grande confusão” SUBTITULADO Y CON LETRA. [S.l: s. n.], 2015. 1 vídeo (2 min). Publicado pelo canal Fanhy Omio. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=SYJySFQwIeM&ab_channel=FanhyOmio. Acesso em: 19 abr. 2025.

MARINHO, Paula Márcia de Castro. Intolerância religiosa, racismo epistêmico e as marcas da opressão cultural, intelectual e social. *Sociedade e Estado*, [Brasília, DF], v. 37, n. 2, p. 489-510, maio/ago. 2022. DOI: <https://doi.org/10.1590/s0102-6992-202237020005>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/se/a/7nwNP6t5HpR4YhyWL64hbFp/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 19 abr. 2025.

MARTELLI, Taís Morelatto; BAIRRÃO, José. Francisco. Espíritos Compositores e Instrumentistas: a música na Umbanda. *Psicologia em Estudo*, [Maringá], v. 24, p. e39154, p. 1-16, 2019. DOI: <https://doi.org/10.4025/psicoestud.v24i0.39154>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pe/a/gBT6PXpyz5ntvyJzKfxjmxQ/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 19 abr. 2025.

MESQUITA, Daniella Chagas; OLIVEIRA, Esmael Alves de. Feminilidades e transgressões em um corpo que gira: uma análise



pós-estruturalista da produção científica acerca da Pombagira. *Revista Periódicus*, Salvador, v. 1, n. 14, p. 34-49, nov./abr. 2020-2021. DOI: <https://doi.org/10.9771/peri.v1i14.36523>. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/revistaperiodicus/article/view/36523>. Acesso em: 19 abr. 2025.

MEYER, Marlyse. *Maria Padilha e toda a sua quadrilha: de amante de um rei de Castela a Pomba-Gira de Umbanda*. São Paulo: Duas Cidades, 1993.

NASCIMENTO, Adriano Roberto Afonso do; SOUZA, Lídio de; TRINDADE, Zeidi Araújo. Exus e pombas-giras: o masculino e o feminino nos pontos cantados da umbanda. *Psicologia em estudo*, [s.l.], v. 6, n.2, p. 107-113, dez. 2001. DOI: <https://doi.org/10.1590/S1413-73722001000200015>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pe/a/Pr95jZQCdXnBypHX94bCCxv/?lang=pt>. Acesso em: 19 abr. 2025.

PISCITELLI, Adriana. Apresentação: gênero no mercado do sexo. *Cadernos Pagu*, [Campinas], v. 25, p. 7-23, jul./dez. 2005. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0104-83332005000200001>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/cpa/a/sHb5c9PyN7hPXZY66kCPj8c/?lang=pt>. Acesso em: 19 abr. 2025.

PRADA, Monique. *Putafeminista*. São Paulo: Veneta, 2018.

PRANDI, Reginaldo. Pombagira e as faces inconfessas do Brasil. In: PRANDI, Reginaldo. *Herdeiras do axé: sociologia das religiões afro-brasileiras*. São Paulo: Hucitec, 1996. p. 139-164.

RABELO, Miriam. A possessão como prática: esboço de uma reflexão fenomenológica. *Mana*, [Rio de Janeiro], v. 14, n. 1, p. 87-117, 2008. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0104-93132008000100004>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/mana/a/wwmZNjJdcRvgCDpRxbZQYYR/?lang=pt>. Acesso em: 19 abr. 2025.

RABELO, Miriam. *Enredos, feitura e modos de cuidado: dimensões da vida e da convivência no candomblé*. Salvador: Edufba, 2014.

REIS, Letícia. A figura da Pombagira: transgressão e empoderamento feminino. *Sacrilegens*, Juiz de Fora, v. 17, n. 1, p. 109-126, jan./jun. 2020. DOI: <https://doi.org/10.34019/2237-6151.2020.v17.30810>. Disponível em: <https://periodicos.ufff.br/index.php/sacrilegens/article/view/30810>. Acesso em: 19 abr. 2025.

RICOEUR, Paul. *Time and narrative*. Traduzido por Kathleen Blamey e David Pellauer. Chicago: The University of Chicago Press, 1988. (v. 3).

RODRIGUES JÚNIOR, Luiz Rufino. *Exu e a pedagogia das encruzilhadas*. 2017. 233f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2017. Disponível em: <http://www.bdt.uerj.br/handle/1/10434>. Acesso em: 19 abr. 2025.

RODRIGUES, Carla. Performance, gênero, linguagem e alteridade: J. Butler leitora de J. Derrida. *Sexualidad, Salud y Sociedad - Revista Latinoamericana*, [Rio de Janeiro], n. 10, p. 140-164, abr. 2012. DOI: <https://doi.org/10.1590/S1984-64872012000400007>. Disponível em:



<https://www.scielo.br/j/sess/a/MGFkQSZT8LVdcpXNvg3jYtD/?lang=pt>
Acesso em: 19 abr. 2025.

SANTOS, Fernanda dos. Na esquina da rua eu vi uma mulher: Um estudo sobre a relação entre Prostitutas e a Pombagira. In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL FAZENDO GÊNERO: CORPO VIOLÊNCIA E PODER, 8., 2008, Florianópolis. *Anais [...]*. Florianópolis: UFSC. p. 9-158

SANTOS, Gleidson; SOARES, Simone. A Pomba-Gira no imaginário das Prostitutas. *Revista Homem, Tempo e Espaço*, Sobral, CE, v. 1 n. 1, p. 1-19, set. 2007. Disponível em <https://rhet.uvanet.br/index.php/rhet/article/view/22>. Acesso em: 19 abr. 2025.

SCORSOLINI-COMIN, Fabio; CAMPOS, Maria Teresa de Assis. Narrativas desenvolvimentais de médiuns da umbanda à luz do modelo bioecológico. *Estudos e Pesquisas em Psicologia*, Rio de Janeiro, v. 17, n. 1, p. 364-385, 2017. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1808-42812017000100020&lng=es&nrm=iso&tlng=pt. Acesso em: 19 abr. 2025.

SCORSOLINI-COMIN, Fabio; GODOY, Helena Vilela de; GAIA, Ronan da Silva Parreira. Sentidos da mediunidade nos candomblés Ketu e Efon. *Revista Cultura y Religión*, [Chile], v. 14, n. 2, p. 36-55, jul./dez. 2020. DOI: <https://doi.org/10.4067/S0718-47272020000200104>. Disponível em: <https://revistaculturayreligion.cl/index.php/revistaculturayreligion/article/view/888>. Acesso em: 19 abr. 2025.

TONIOL, Rodrigo. O que faz a espiritualidade? *Religião & Sociedade*, [Rio de Janeiro], v. 37, n. 2, p. 144-175, 2017. DOI: <https://doi.org/10.1590/0100-85872017v37n2cap06>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rs/a/kWjzQhGZpHBkPtz5rRZb4BD/?lang=pt>. Acesso em: 19 abr. 2025.

VEER, Peter van der. Spirituality in modern society. *Social Research: An International Quarterly*, [Nova York], v. 76, n. 4, p. 1097-1120, winter 2009. Disponível em: https://vdv.mmg.mpg.de/wp-content/uploads/media/files/van_der_Veer_Social-Research-1097-1120.pdf. Acesso em: 22 jun. 2024.

